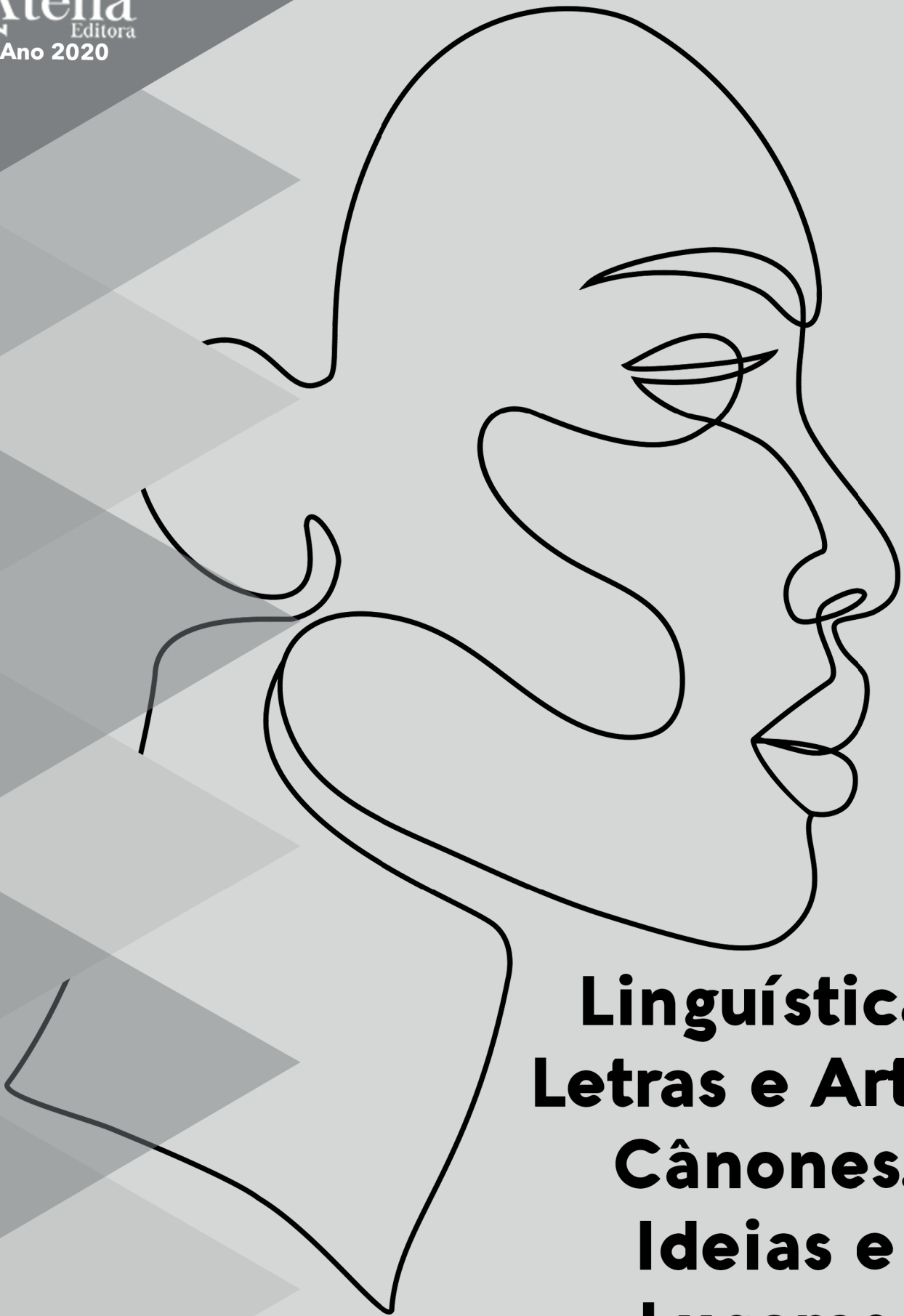


Atena
Editora
Ano 2020



**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 1 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-116-9 DOI 10.22533/at.ed.169201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ao escrever esta apresentação não tem como não pensar na situação que o país se encontra imerso. Muitas cidades em isolamento social, outras relaxando as medidas de prevenção e de combate à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2) da Covid-19, que tem ceifado milhares de vida. Seria injustiça da minha parte se no início desta exposição não externasse os meus sinceros sentimentos às pessoas que perderam seus entes queridos. Acredito que este é também o papel das ciências da linguagem, enxergar o ser humano nas suas diversas facetas e a que estamos passando não é uma das melhores, apesar de tudo, há esperanças de que tudo isso passará e, certamente, seremos pessoas melhores.

Falar de linguagem, linguística e arte é falar da comunicação estabelecida no fazer do sujeito. A iniciativa de comunicar ao outro o que está sendo produzido nas diversas regiões do país é uma ação necessária, sobretudo, dos estudos que estão sendo realizados com transparência e monitoração das propostas de investigação científica, já que produzir ciência no Brasil é um contínuo e pleno exercício de resistência no combate às fake News.

Todos os autores que se propuseram na caracterização deste e-book, mostram-se como sujeitos resistentes mediante as ineficiências de incentivos que nos últimos anos têm sido direcionadas à produção de ciência, sobretudo, a ciência linguística, da linguagem e artística no país que ainda não se convenceu de que é somente por meio da educação que escreveremos novas e coloridas páginas de oportunidades na existência desta e das gerações futuras.

Assim, as páginas que contemplam esta obra não são desbotadas pela carência de informações pertinentes que perpassam pelas áreas da linguística, da literatura e das artes. Estas páginas são coloridas com diferentes conhecimentos das áreas diferentes do saber em que todos os seus propósitos, finalidades e evidências de que o conhecimento constrói a diversidade e conscientiza-se na relevância do pensamento científico e da reflexão fortificada em cada discussão.

Neste e-book, estão organizados dezenove capítulos que repercutem a relevância da coletânea pela diversidade das reflexões propostas. Ao detalhar em cada capítulo como a linguagem dialoga com a linguística, com a literatura e com as artes, elaboramos uma cadeia de saberes multifacetados. Sendo assim, nestes dezenove textos temos a certeza de que a ciência se faz na diversidade e no respeito à pesquisa do outro, da sua função de cientista da linguagem marcada com ideias, ideais, contextos e estilos de escrita.

Esperamos que estas reflexões respinguem cores, cheiros e sabores ao contexto social e linguístico que o Brasil e o planeta estão passando. Em linhas gerais, autorizadas são todas as discussões diversas que enxergam nesta coletânea a certeza de que a produção e divulgação de conhecimentos instalem cenários transparentes e necessários da educação na formação dos sujeitos, portanto, resta-nos desejar: boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E O AUTISMO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Edijane Maíla Martins da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1692019061	
CAPÍTULO 2	12
ESTUDO DOS DISCURSOS NO INSTAGRAM DE INFLUENCIADORAS DIGITAIS DO MERCADO DE MAQUIAGEM: HUDA KATTAN E NIINA SECRETS	
Beatriz Costa Fernandes Pereira	
Fred Izumi Utsunomiya	
DOI 10.22533/at.ed.1692019062	
CAPÍTULO 3	29
A INSTAURAÇÃO DA ARGUMENTATIVIDADE NO DISCURSO DE MUDIATIZAÇÃO DA CIÊNCIA	
Jairo Venício Carvalhais de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.1692019063	
CAPÍTULO 4	41
AS TRAMAS DA ENUNCIÇÃO	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1692019064	
CAPÍTULO 5	51
DA FEITURA DO DASEIN NEOLIBERAL: ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO DO HERÓI DE INFINITE JEST, DE DAVID FOSTER WALLACE	
Henrique Reis Fatel	
DOI 10.22533/at.ed.1692019065	
CAPÍTULO 6	69
A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE DE EMPODERAMENTO DO SUJEITO NEGRO	
Letícia Queiroz	
Epaminondas de Matos Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.1692019066	
CAPÍTULO 7	81
A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS SHAKESPEARIANAS ENQUANTO REPRESENTAÇÕES ESTÉTICAS DA SOCIEDADE ELISABETANA	
Fernanda Rafael da Paz	
Neide Aparecida da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1692019067	
CAPÍTULO 8	89
A PAIXÃO SEGUNDO G.H COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Alice Duarte de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.1692019068	

CAPÍTULO 9	105
CONTOS DE FADAS, FANTASIA E PROTAGONISMO FEMININO: UMA LEITURA DE <i>TRONO DE VIDRO</i> , DE SARAH J. MAAS	
Izabela Fernandes Simão	
DOI 10.22533/at.ed.1692019069	
CAPÍTULO 10	118
A CRIAÇÃO IDEOLÓGICA E O TRAUMA SOBRE <i>O CASAMENTO EM A PORTA E O VENTO</i> , DE JOSÉ BEZERRA GOMES	
Eldio Pinto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16920190610	
CAPÍTULO 11	132
A MANIFESTAÇÃO DO DIALETO <i>PAJUBÁ</i> NA MÚSICA <i>QUEER</i> BRASILEIRA	
Martiniano Marcelino de Macedo Torres	
DOI 10.22533/at.ed.16920190611	
CAPÍTULO 12	154
A POTÊNCIA DA NARRATIVA E A COMUNIDADE DOS CELIBATÁRIOS EM <i>AS CANÇÕES</i> , DE EDUARDO COUTINHO	
Mírian Sousa Alves	
Renata de Oliveira Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.16920190612	
CAPÍTULO 13	165
A REFRAÇÃO HOMOFÓBICA NO JORNALISMO: ESTUDO DE CASO SOBRE O ASSASSINATO DE BRUNA	
Piero Dutra Vicenzi	
DOI 10.22533/at.ed.16920190613	
CAPÍTULO 14	173
ARQUITETURA WAURÁ - DESCRIÇÃO DO PROCESSO CONSTRUTIVO DA CASA TRADICIONAL DO POVO WAURÁ	
João Mário de Arruda Adrião	
Tirawá Waurá	
Thalysson Paulo Alves Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.16920190614	
CAPÍTULO 15	179
CULTURA E REGILIGIOSIDADE POPULAR, CONGADA EM ANGICAL: BREVE DISCUSSÃO	
Vera Regiane Brescovici Nunes	
Pedro Fernando Sahium	
Washington Maciel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16920190615	
CAPÍTULO 16	191
ENTRE ILHAS: ORIGENS, DESVIOS E NARRATIVAS NA MEDIAÇÃO CULTURAL	
Andressa Argenta	
Carolina Ramos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.16920190616	

CAPÍTULO 17	202
ENTRE O CAOS E A ORDEM: RELAÇÕES SOCIAIS E PERCEPÇÕES SOBRE O TERMINAL URBANO FRANCISCO ALVES RIBEIRO EM RIO BRANCO–ACRE	
Beatriz Tayná Souza Brito	
Marcia Meireles de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.16920190617	
CAPÍTULO 18	213
BRASIL E PORTUGAL NA ENCRUZILHADA: A NEGAÇÃO DO FADO E A AFIRMAÇÃO DO SAMBA (1930-1939)	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.16920190618	
CAPÍTULO 19	232
A DANÇA EM SEUS DIFERENTES RITMOS	
Karolaine Ramada Neves	
Aline Ditomaso	
DOI 10.22533/at.ed.16920190619	
SOBRE O ORGANIZADOR	237
ÍNDICE REMISSIVO	238

A INSTAURAÇÃO DA ARGUMENTATIVIDADE NO DISCURSO DE MEDIATIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Data de aceite: 01/06/2020

Jairo Venício Carvalhais de Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais -
Faculdade de Letras
Belo Horizonte - MG

RESUMO: O presente trabalho tenciona apresentar uma análise de estratégias linguístico-discursivas que sinalizam a presença da argumentação em artigos de divulgação científica veiculados na mídia impressa. Os textos selecionados foram analisados à luz de pressupostos teóricos e metodológicos da Linguística Textual e da Análise do Discurso de linha francesa. Os resultados indicam que os exemplares do gênero investigado se situam na interseção existente entre os discursos científico e jornalístico e apresentam como característica precípua a argumentatividade. Além disso, as estratégias responsáveis pela instauração da objetividade/subjetividade nos textos revelam que o discurso de divulgação da ciência, ao mesmo tempo em que se configura como um objeto de saber, capaz de informar o cidadão comum, também funciona como um objeto de consumo, haja vista que procura atrair o interesse dos leitores e visa a persuadi-los da

veracidade e da credibilidade do conhecimento produzido pela prática institucionalizada da ciência.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentatividade. Divulgação científica. Objetividade. Subjetividade.

THE ESTABLISHMENT OF ARGUMENTATIVITY IN THE SPEECH OF SCIENCE MEDIATIZATION

ABSTRACT: The present work intends to present an analysis of linguistic-discursive strategies that signal the presence of argumentation in scientific dissemination articles broadcast in print media. The selected texts were analyzed via theoretical and methodological assumptions from Textual Linguistics and Discourse Analysis of the French framework. The results indicate that the excerpts from the investigated genre are located within an intersection between the scientific and journalistic registers, presenting as their essence the argumentative trait. In addition, the strategies responsible for establishing objectivity and subjectivity in the texts reveal that the discourse of science dissemination, in parallel to its meaning as an instrument of knowledge, capable of informing the common citizen, also functions as a commodity, since

it seeks to attract the interest of readers, aiming at persuading them of the veracity and credibility of the knowledge produced by the institutionalized practice of science.

KEYWORDS: Argumentativity. Scientific dissemination. Objectivity. Subjectivity.

1 | INTRODUÇÃO

Pesquisas e descobertas na área da ciência há muito tempo despertam a atenção do homem. Em linhas gerais, a ciência tem como objetivos conhecer e dominar a natureza para servir à sociedade, o que implica a necessidade de comunicação de descobertas científicas e tecnológicas feitas por pesquisadores e estudiosos em todo o planeta. Dessa maneira, a visão tradicional de que o conhecimento científico é produzido unicamente para especialistas vem sendo desafiada pela emergência do fenômeno da divulgação científica.

Atualmente, as informações ligadas aos avanços da ciência e da tecnologia estão diariamente nas diferentes mídias (impressas, digitais, radiofônicas e televisivas) como forma de aproximar a ciência do grande público (visto, de forma mais específica, como público formado pelos não-pares ou público em geral) e, nesse contexto, os meios de comunicação, dentre muitas outras funções, têm atuado como mediadores entre cientistas e sociedade, proporcionando informações importantes para que as pessoas possam ampliar seu conhecimento em relação às conquistas científicas. Dessa forma, conforme pontua Cataldi (2007), esses meios impulsionam, ainda que movidos por interesses próprios, a popularização do conhecimento científico, transformando esse conhecimento em evento midiático e estreitando as relações entre a ciência e o público em geral.

É importante destacar que a tarefa de divulgar a ciência e a tecnologia na mídia impressa apresenta-se como uma prática discursiva dinâmica e complexa, que se caracteriza por uma série de recursos e procedimentos linguísticos, enunciativos e discursivos. De acordo com Calsamiglia (1997), o fato de a divulgação ser a representação de um discurso acerca de outro discurso revela a dinâmica cognitiva, intertextual e social que caracteriza essa prática discursiva. Ao escrever para seus pares, o cientista busca reconhecimento e validade para a sua pesquisa. É exatamente esse aspecto que determina os critérios utilizados, as estratégias empregadas e os cuidados em seguir uma estrutura específica, quando produz um texto. O jornalista, no entanto, precisa agradar a um público diverso e inconstante, e, para isso, preocupa-se em adotar critérios que tanto tornem o fato atraente quanto garantam credibilidade.

É, portanto, na fusão dos domínios científico e jornalístico que se constrói o gênero denominado *artigo de divulgação científica*, escrito por jornalistas e veiculado na mídia impressa. Esse gênero se caracteriza, de modo geral, por acolher em seu interior a informação precisa da ciência e sua estrutura específica aliadas à estrutura jornalística, também marcada por suas peculiaridades, numa tentativa de aproximar da ciência o

cidadão comum.

A partir dessas considerações, procuramos mostrar, nas seções seguintes, como ocorre a manifestação da argumentatividade em artigos de divulgação científica veiculados pela mídia impressa mineira, a partir de algumas estratégias enunciativo-discursivas colocadas em cena pela instância de produção dos textos. De maneira mais específica, devido ao escopo deste trabalho, serão apresentados alguns exemplos de uma pesquisa realizada sobre o assunto. Os exemplos foram extraídos de exemplares do gênero em questão, publicados no jornal *Estado de Minas*, entre outubro de 2011 e março de 2012. Os trechos selecionados ilustram a presença da objetividade e da subjetividade nos textos analisados e evidenciam que essas estratégias estão estreitamente relacionadas com a instauração da argumentação no discurso de divulgação da ciência na mídia.

2 | O DISCURSO DE DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA NA MÍDIA

A divulgação científica não goza de uma conceituação uniforme entre os estudiosos, podendo ser entendida, por exemplo, como uma categoria mais ampla que engloba o jornalismo científico ou até mesmo como um gênero discursivo particular, como propõe Zamboni (2001). Direcionando o foco para a distinção entre discurso científico e discurso de divulgação científica, tomamos as palavras de Dell'Isola (2010) sobre a questão. A autora ressalta que o primeiro, o discurso científico, tem relação com a atividade exercida por cientistas, os quais interagem com seus pares sobre temáticas do próprio universo da ciência, ao passo que o segundo, o discurso de divulgação científica, consiste na propagação de descobertas realizadas na academia ou em centros de pesquisa a um público de não especialistas, enfatizando que tal discurso deve se utilizar de uma linguagem mais simplificada e menos técnica do que a usada no discurso científico.

Para Authier-Revuz (1998), a divulgação científica constitui uma atividade de reformulação que transforma um discurso-fonte em um discurso-alvo, direcionado para um público específico. Assim, a autora apresenta uma definição clássica de divulgação científica como sendo

uma atividade de disseminação, em direção ao *exterior*, de conhecimentos científicos já produzidos e em circulação no *interior* de uma comunidade mais restrita; essa disseminação é feita fora da instituição escolar-universitária e não visa à formação de especialistas, isto é, não tem por objetivo estender a comunidade de origem. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.107, grifos da autora)

A autora francesa concebe a divulgação científica como um discurso de reformulação explícita, já que passa a existir um discurso em função de um novo receptor. Assim, ocorre a reformulação de um discurso fonte em um discurso segundo. Por isso, a divulgação científica se inscreveria em um conjunto que compreende tradução, resumo, resenha e, também, textos pedagógicos adaptados a este ou àquele nível, análises políticas

reformuladas “na direção de” tal ou tal grupo social, mensagens publicitárias reescritas em função do alvo visado etc. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.108).

Zamboni (2001), linguista brasileira e estudiosa do assunto, contesta as postulações de Authier-Revuz ao desenvolver a hipótese de que o discurso de divulgação científica é um gênero específico e autônomo, que se situa no campo de transmissão de informações. Assinala que, ao mudar o processo da enunciação, quando se altera o receptor do texto, muda-se, por conseguinte, a forma de tratamento do conteúdo a ser transmitido. A autora enfatiza que, pelo princípio do dialogismo bakhtiniano, mudando-se o destinatário, o lugar do enunciador também se alteraria, haja vista que todos esses atores podem provocar modificações na forma de transmissão do conteúdo.

Para Zamboni (2001), o discurso de divulgação científica não é apenas uma modalidade de reformulação textualmente discursiva, embora a heterogeneidade seja um fenômeno que se manifesta na formação discursiva da divulgação científica. A divulgação científica é “um trabalho de efetiva formulação de um novo discurso” (ZAMBONI, 2001, p. 140), no qual há um sujeito enunciador ativo e não um sujeito assujeitado aos discursos prévios que agencia. Nesse contexto, entende-se que, ao mudar as condições de produção - quem escreve, para quem, o local de publicação, os objetivos -, o discurso passa por transformações.

Para ilustrar esse aspecto, Zamponi (2005) chama a atenção para uma situação canônica em gêneros que têm como objetivo a divulgação da ciência. Para a autora, há uma situação de assimetria entre os interlocutores participantes dessa prática comunicativa, ou seja, há, de um lado, aquele que sabe (cientista ou jornalista especializado em divulgar ciência) e, de outro lado, aquele que não sabe (não especialista/público leigo).

Na análise dos artigos de divulgação científica que compõem este trabalho, foi possível observar a existência de um jornalista, sujeito empírico que trabalha em uma instituição midiática, aqui entendido como o “autor” do texto. Esse autor assume o papel social de “divulgador”, momento em que passa de figura empírica para figura discursiva que “diz”, ou seja, esse sujeito deixa de ser autor para se constituir como locutor, aquele que tem a autoridade para “dizer” no texto.

Cumprе esclarecer que, se no discurso científico especializado quem fala é um cientista, qualificado para assumir esse papel discursivo diante da comunidade formada por seus pares, nos artigos de divulgação científica veiculados na mídia impressa, mais especificamente no jornal Estado de Minas, quem fala são jornalistas, os quais exercem o papel discursivo de divulgadores do conhecimento científico a um público amplo e heterogêneo de leitores. Esses jornalistas exercem a função social de mediadores capazes de recontextualizar o conhecimento sobre determinada área da ciência e colocam em funcionamento diferentes manobras languageiras e estratégias enunciativo-discursivas para atingir os propósitos pretendidos.

3.1 A ENCENAÇÃO DA OBJETIVIDADE/SUBJETIVIDADE NA MEDIATEZ DA CIÊNCIA

O discurso de divulgação da ciência, como já apresentado anteriormente, não deve ser compreendido como a mera reformulação de um discurso fonte, mas como a formulação de um discurso novo e autônomo. Partindo dessa perspectiva, cumpre apresentar alguns conceitos que endossam essa concepção, mostrando, entre outros aspectos, que esse discurso se constitui como uma prática eminentemente heterogênea, na medida em que incorpora em seu fio discursivo tanto elementos provenientes daquele que lhe se serve de fonte – o discurso científico – quanto daquele que pretende atingir – o discurso jornalístico (LEIBRUDER, 2003).

Segundo postula Leibruder (2003), a ciência, ao longo de sua história, foi gradativamente assumindo a condição de porta-voz da verdade que supostamente estaria contida nas coisas. Para manter esse *status*, o discurso científico tornou-se essencial para a ciência, uma vez que romper com as opiniões, com o imediatismo, com a ordem do real e buscar a objetividade e a universalidade faz parte da constituição da ciência e de sua diferenciação em relação aos demais saberes, ao cotidiano e ao senso comum.

A pesquisadora salienta que, através da ciência e, portanto, do discurso por ela proferido, as próprias coisas adquirem vida. Não é mais o cientista quem fala, mas os objetos que, tomando corpo e voz, manifestam-se por meio dele. É como se o sujeito pesquisador assumisse, a todo instante, a postura de um observador distante do objeto observado, como que provando, com sua ausência explícita, a ausência do próprio ser humano nas investigações científicas. Assim sendo, a utilização de uma estratégia discursiva como essa, segundo Leibruder (2003), é o grande trunfo de um discurso que se pretende inequívoco. Acrescenta a autora que, por meio de um discurso neutro e impessoal, a ciência argumenta em favor de sua verdade, sendo a sua argumentação ainda mais eficiente do que aquela praticada por discursos tradicionalmente considerados persuasivos, como o discurso político e o discurso jurídico. Isso porque, na ciência, essa argumentação se apresenta implícita, camuflada e quase imperceptível.

Por sua vez, o discurso jornalístico - enquanto discurso de informação - pode ser caracterizado, num primeiro momento, por fatores como objetividade, clareza e concisão da linguagem. Assim, da mesma forma em que no discurso científico “a verdade” fala por meio do cientista, no discurso jornalístico o fato ocupa a posição central, cabendo ao jornalista apenas a tarefa de noticiá-lo. Também nesse discurso camufla-se a presença do autor, emprestando-se voz às próprias coisas: as notícias falam por meio do relato impessoal do jornalista. Por isso, há a presença de características como a partícula *se* acrescida a verbos na terceira pessoa do singular, a descrição de fatos e informações e o emprego do discurso relatado.

Nessa mesma direção, Guimarães (2001) destaca que o discurso de divulgação

científica apresenta um caráter altamente argumentativo, uma vez que seu objetivo é convencer o interlocutor da validade e da veracidade daquilo que ele diz, e não apenas enunciar postulados indiscutíveis. Nesse sentido, “constata-se o seu caráter altamente argumentativo no traçado do objetivo precípua que ele tem em mira, ou seja, convencer o interlocutor da validade, ou melhor, da verdade daquilo que diz, e proceder retórica e linguisticamente conforme esse objetivo” (GUIMARÃES, 2001, p. 67).

No cerne dessa questão, Charaudeau (2016) explica que o discurso de divulgação da ciência (ou, nas palavras do linguista francês “discurso de mediação da ciência”,) procura atender a uma dupla finalidade: por um lado, esse discurso tende a ser explicativo/informativo, apresentando, assim, uma estreita relação com o discurso didático (uso de explicações, analogias, metáforas e recursos de recontextualização da linguagem científica). Por outro lado, a mediação da ciência também revela estratégias próprias de captação de leitores (consumidores de informação), o que aproxima tal prática do discurso da informação midiática (marcado pelo relato de pesquisas e temáticas ligadas ao universo da ciência como também pelo uso de diversificadas estratégias projetadas no terreno das emoções).

À luz desses apontamentos e considerando as múltiplas estratégias linguísticas, textuais e discursivas que caracterizam os artigos de divulgação da ciência na mídia, assumimos, com base nos trabalhos de Coracini (1991), Leibrunder (2003) e Charaudeau (2016), que, em sua materialidade textual, esse gênero acaba reproduzindo, em alguma medida, marcas identitárias dos discursos científico, jornalístico e didático. Assim sendo, é justamente a partir da interdiscursividade e do jogo marcado pelas estratégias de objetividade e de subjetividade presentes nos textos que se manifesta a argumentatividade nos artigos de divulgação científica na mídia impressa. Na sequência, serão apresentados alguns exemplos que ilustram o funcionamento desses recursos.

4 | AS MARCAS DE UMA PRETENSA OBJETIVIDADE

Para ilustrar os aspectos sinalizados na seção anterior, serão apresentados, a seguir, alguns exemplos que revelam a manifestação de uma pretensa objetividade nos artigos que serviram como *corpus* do presente trabalho. Em seguida, serão tratadas as marcas de subjetividade encontradas na materialidade dos textos analisados. Os índices linguísticos que buscam imprimir uma marca de **objetividade** aos textos encontram-se destacados em negrito.

(Exemplo 01)

Diversos trabalhos mostraram que as reações cerebrais variam, dependendo do tipo de micro-organismo que navega pela corrente sanguínea, assim como a resposta do anticorpo que tenta combatê-lo. (Jornal Estado de Minas, jan./2011 – texto 08).

(Exemplo 02)

Um estudo realizado por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), porém, acaba de desvendar o mecanismo molecular que causa essa inibição e desarma uma parte da armadilha natural contra a doença. (Jornal Estado de Minas, mar./2011 – texto 11).

Nos exemplos (01) e (02), é possível perceber uma tentativa de “apagamento enunciativo” do jornalista divulgador. Por meio dessa estratégia, o espaço reservado aos sujeitos (jornalista ou cientista responsável pela pesquisa) passa a ser preenchido pela voz dos objetos e ideias apresentados nos textos, os quais supostamente falam por si, sem interferência de uma instância subjetiva. Esse recurso é denominado por Coracini (1991) de “asserções ativas”. Trata-se de trechos que apresentam como sujeito agente o próprio objeto de análise.

Observa-se que as orações destacadas nos exemplos acima encontram-se na voz ativa e que os elementos colocados na posição de sujeito são devidamente acompanhados de verbos de ação: “Diversos trabalhos mostraram”, “Um estudo (...) acaba de desvendar”. Ou seja, é como se esses elementos colocados na posição de sujeito fossem capazes de praticar uma ação ou de relatar um processo, características essas que são, na realidade, fruto da observação, constatação e prática humanas.

Assim, como base no que postula Leibrunder (2003), ao encobrir sua existência, o jornalista divulgador confere ao texto por ele produzido um caráter de objetividade e de neutralidade, legitimando, dessa maneira, o discurso da ciência que ele se encarrega de divulgar.

Ainda a serviço do desejo de aparentar uma pretensa objetividade, os jornalistas divulgadores reproduzem, nos artigos de divulgação, trechos do discurso científico que parecem esconder a origem enunciativa da pesquisa divulgada. Assim sendo, foi possível verificar, nos artigos analisados, o uso bastante frequente de formas nominais relacionadas ao processo de pesquisa. Seguem alguns exemplos:

(Exemplo 03)

Nos testes in vitro com células da leucemia mieloide crônica, **a combinação** das proteínas Prame e EZH2 se liga ao DNA na região de Trail e recruta outras substâncias que impedem a transcrição gênica. Isso acaba bloqueando a ação natural antitumoral da proteína Trail. (Jornal Estado de Minas, mar./2011 – texto 11).

(Exemplo 04)

[...] **A descoberta** identificou uma variação genética que tem uma participação na doença muito mais forte que as mutações dos outros genes já descritos”, diz o geneticista Kirk Wilhelmsen, Ph.D. e professor da Universidade da Carolina do Norte. (Jornal Estado de Minas, out./2010 – texto 02).

As nominalizações destacadas em negrito nos exemplos acima correspondem às

atividades do pesquisador no momento de realização de sua experiência, como salienta Coracini (1991). No exemplo (03), a palavra destacada - “combinação” - diz respeito à atividade do pesquisador de combinar as proteínas Prame e EZH2. Em (04), o ato de descobrir uma variação genética dá lugar à nominalização “descoberta”. Essa estratégia possibilita ao locutor do discurso científico ocultar o agente do processo, dando, com isso, a impressão de uma maior objetividade ao discurso da ciência. É justamente sobre esse aspecto que Charaudeau (2004, p.18) argumenta, sinalizando que “os ‘torneios impessoais’ e as ‘nominalizações’ podem ter uma função de distanciamento para fins de neutralização da subjetividade do sujeito falante (como nos textos administrativos ou científicos). Assim, a partir desses exemplos, é interessante notar que o jornalista divulgador “reproduz” essa prática ao elaborar os artigos de divulgação, confirmando, dessa maneira, a tentativa de manutenção da pretensa objetividade da ciência.

5 | A PRESENÇA EXPLÍCITA DA SUBJETIVIDADE

Ainda no que diz respeito à manifestação da argumentatividade nos artigos de divulgação científica, foi possível observar trechos que evidenciam a presença da subjetividade explícita dos jornalistas divulgadores e, também, dos cientistas cujas vozes são recorrentemente sinalizadas na materialidade textual dos artigos analisados. No *corpus* investigado, tanto os jornalistas quanto os cientistas assumem, com maior ou menor força, as informações divulgadas, ora comprometendo-se ora afastando-se, numa tentativa constante de legitimação do discurso.

Nesse sentido, a fim de verificar como ocorre a instauração da subjetividade nos artigos de divulgação científica, foram analisadas algumas categorias de modalização. Muitos são os autores que tratam dessa questão, mas, visando a uma simplificação conceitual, apresentamos a perspectiva proposta por Bronckart (1999) sobre alguns tipos de modalização na linguagem.

Com base nesse autor, consideramos a presença de modalizações **lógicas**, **deônticas** e **apreciativas**, por serem as que ocorreram com mais frequência no *corpus* de análise. É importante lembrar que: (i) as modalizações lógicas consistem em julgamentos sobre o valor de verdade das proposições enunciadas; (ii) as modalizações deônticas avaliam o que é enunciado à luz dos valores sociais, apresentando os fatos enunciados como socialmente permitidos, proibidos, necessários, desejáveis; (iii) as modalizações apreciativas traduzem um julgamento mais subjetivo, a partir da visão de mundo da instância avaliadora dos fatos enunciados.

Vejamos, na sequência, alguns exemplos que ilustram a presença explícita da subjetividade nos artigos analisados. As marcas linguísticas destacadas em negrito sinalizam a presença de **modalizações lógicas**.

(Exemplo 05)

“**Indubitavelmente**, essa técnica beneficiará milhões de pessoas, já que a catarata é tão comum”, diz Palanker, ponderando que vai demorar bastante tempo para que o procedimento seja adotado nas clínicas. (Jornal Estado de Minas, nov./2010 – texto 04).

(Exemplo 06)

“Diante disso, **não tenho qualquer dúvida** de que o uso de probióticos em produtos que levam carne só trará benefícios ao consumidor. Depois de aprovados os estudos que estão em andamento, **com certeza** a indústria vai adotar a prática, pois a preocupação hoje com a saúde é geral”, afirma. (Jornal Estado de Minas, dez./2010 – texto 06).

Os elementos linguísticos destacados nos exemplos (05) e (06) sinalizam a presença de modalizações lógicas, as quais se caracterizam por apresentar um grau de verdade ou certeza em relação ao que é dito. Esses exemplos mostram que não há sinais de dúvida ou de hesitação em relação àquilo que se afirma. Em (05), o cientista assume, sem rodeios, uma posição de certeza diante daquilo que enuncia, explicitando que a nova técnica desenvolvida em sua pesquisa para as cirurgias de catarata “indubitavelmente” beneficiará milhões de pessoas. Essa certeza, fortemente marcada em sua fala, se dá por meio do advérbio utilizado, o que sinaliza o discurso proferido como algo certo e indiscutível.

As expressões “não tenho qualquer dúvida” e “com certeza”, destacadas no exemplo (06), também caminham na mesma direção. O pesquisador mostra-se convicto em relação aos benefícios que serão proporcionados ao consumidor por meio da aplicação de probióticos em alimentos embutidos.

No que se refere ao emprego de **modalizações deônticas**, seja por parte dos jornalistas ou por parte dos cientistas, foi possível verificar uma baixa ocorrência desse tipo de modalização nos artigos analisados. Seguem alguns exemplos extraídos do *corpus* que ilustram essa ocorrência:

(Exemplo 07)

“Infelizmente, muitas pessoas, ao saber dessa pesquisa, ficam empolgadas e já querem ver resultados. **É necessário** tomar cuidado, pois sabemos que ela funciona em animais, conhecemos as substâncias envolvidas, mas ainda não temos dados suficientes de segurança e eficácia clínica”, ressalta o pesquisador. (Jornal Estado de Minas, dez./2010 – texto 05).

(Exemplo 08)

Para entender o que há de excepcional na descoberta, **é preciso** lembrar as aulas de biologia. O DNA é composto por bases nitrogenadas, as chamadas letras químicas A (adenina), T (timina), C (citosina) e G (guanina). (Jornal Estado de Minas, fev./2011 – texto 09).

Nos exemplos (07) e (08), verifica-se o emprego de modalizações deônticas que remetem diretamente ao grau de necessidade atribuído aos enunciados. Responsáveis, na maioria dos casos em que ocorrem, por avaliações apoiadas nos valores, opiniões e regras constitutivas do mundo social, essas modalizações estiveram presentes, sobretudo, em trechos construídos à base do discurso dos cientistas responsáveis pelos estudos divulgados.

No exemplo (07), o uso da expressão “é necessário” remete a algo no campo do imprescindível, uma vez que a pesquisadora busca esclarecer que a pesquisa divulgada limita-se a testes feitos em animais, não apresentando, ainda, um nível de segurança suficiente para uso em seres humanos. O exemplo (08) também caminha na mesma direção, haja vista que a expressão “é preciso” atua como modalização que reforça o grau daquilo que é indispensável.

Na sequência, são apresentados alguns exemplos que ilustram a presença de **modalizações apreciativas** nos artigos do *corpus*, as quais se caracterizam, sobretudo, pela posição explicitamente subjetiva do locutor em relação ao que é dito. Essas modalizações foram observadas a partir do uso de adjetivos, de nominalizações, de advérbios e de estruturas verbais que encerram variados tipos de avaliações, geralmente qualificando, categorizando e especificando um traço ou ação que particularize a pesquisa divulgada ou, na maior parte das vezes, os resultados alcançados pelos cientistas. Nas ocorrências apresentadas a seguir, vale notar que os jornalistas se apoiam nesse recurso para apresentar, de forma bastante explícita, suas avaliações.

As modalizações apreciativas tiveram alto índice de ocorrência, estando presente em todos os artigos analisados. As marcas linguísticas, destacadas em negrito, evidenciam algumas ocorrências.

(Exemplo 09)

“Os resultados que obtivemos foram **muito melhores** em vários sentidos - aumento da segurança, melhoria na precisão e padronização do procedimento”, disse o oftalmologista. (Jornal Estado de Minas, nov./2010 – texto 04).

(Exemplo 10)

Mas, como as pessoas que têm a mutação genética, que pode ser detectada por um exame de DNA, ficam mais sensíveis ao álcool e tendem a evitá-lo, o entendimento desse mecanismo **é uma forte promessa** para o tratamento do alcoolismo. (Jornal Estado de Minas, out./2010 – texto 02).

Nos exemplos (09) e (10), nota-se o emprego de expressões linguísticas que sinalizam certos julgamentos, geralmente positivos, relacionados a alguns aspectos do conteúdo temático dos artigos, procedentes do mundo subjetivo da instância que avalia.

Em (09), o excerto apresentado diz respeito à voz do cientista responsável pelo estudo, o qual opina abertamente sobre os resultados obtidos na pesquisa. Ao mencionar

que esses resultados foram “muito melhores”, o cientista reforça o seu engajamento diante do objeto (pesquisa realizada) e deixa sua opinião expressamente marcada na asserção por ele proferida. Em (10), o uso da expressão “uma forte promessa” também está a serviço de uma apreciação positiva, remetendo o leitor ao campo do compromisso e da esperança no que se refere ao tratamento do alcoolismo.

Vale destacar que, na maioria das vezes em que o jornalista divulgador opina ou emite um juízo de valor em relação aos resultados alcançados ou à própria pesquisa, segue-se uma justificativa. Essas expressões, formadas principalmente por advérbios, adjetivos e formas nominais, sinalizam a subjetividade desse sujeito que, na materialidade do discurso, assume a postura de um observador que avalia, opina e se posiciona frente ao que é divulgado.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As marcas de objetividade e subjetividade presentes nos artigos de divulgação científica analisados atuam como uma estratégia de captação da credibilidade dos leitores não especializados, buscando reduzir, consideravelmente, a possibilidade de dúvidas, questionamentos ou refutações em relação às pesquisas e/ou descobertas divulgadas.

Ao construírem trechos marcados por uma pretensa objetividade, os jornalistas divulgadores buscam reproduzir o discurso da ciência, contribuindo, dessa maneira, para legitimar esse discurso que se enuncia, a todo tempo, como impessoal, não permitindo, portanto, ser visto como resultado do ponto de vista de um sujeito particular.

As marcas de subjetividade foram investigadas por meio da presença de modalizações e evidenciam que, algumas vezes, os jornalistas reproduzem o discurso da ciência já modalizado pela incerteza ou pela possibilidade, mas, na maior parte dos casos, as modalizações funcionam para avaliar positivamente os resultados das pesquisas divulgadas. Além disso, sinalizam também a existência de ocorrências em que os jornalistas assumem um engajamento mais incisivo diante daquilo que enunciam, fazendo uso, por exemplo, de asserções com maior nível de certeza e verdade.

De modo geral, as marcas linguísticas que sinalizam a objetividade e a subjetividade no gênero investigado estão a serviço da argumentação, na medida em que buscam captar a credibilidade do leitor não especializado no conhecimento científico por meio de técnicas provenientes dos discursos científico, jornalístico e didático.

Por fim, os resultados também permitem afirmar que os artigos de divulgação científica veiculados na mídia impressa apresentam uma forte dimensão argumentativa, uma vez que, longe de terem como objetivo apenas informar o cidadão comum das descobertas científicas, também são marcados por uma lógica comercial. Isso porque, como bem pontua Charaudeau (2007), ao mesmo tempo em que as mídias buscam produzir um

objeto de saber para informar o público, também age como uma empresa, produzindo um objeto a ser consumido pelos leitores.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. Trad. Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.
- CALSAMIGLIA, Helena. Divulgar: itinerários discursivos del saber. In: **Quark**, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, 1997, p. 9-18.
- CATALDI, Cristiane. A divulgação da ciência na mídia impressa: um enfoque discursivo. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. (Orgs.). **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa/MG: Ed. UFV, 2007, p. 155-164.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. Dos limites entre o estável e o instável em textos de divulgação científica. In.: SARAIVA, M. E. F.; MARINHO, J. H. C. (Orgs.). **Estudos da língua em uso**: da gramática ao texto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 263-287.
- CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. de (Org.). **Gêneros**: reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004. p. 13-41.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick. Sobre o discurso científico e sua midiáticação. **Calidoscópico**, v. 14, n. 3, p. 550-556, set./dez. 2016.
- CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Um fazer persuasivo**: o discurso subjetivo da ciência. São Paulo: Educ; Campinas: Pontes, 1991.
- GUIMARÃES, Elisa. Expressão modalizadora no discurso de divulgação científica. In.: **Revista Educação e Linguagem**. São Paulo, ano 4, n. 5, jan./dez. 2001, p. 65-77.
- LEIBRUDER, Ana Paula. O discurso de divulgação científica. In: BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. (Coord.). **Gêneros do discurso na escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 229-253.
- ZAMBONI, Lílian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica**: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas: Autores Associados, 2001.
- ZAMPONI, Graziela. Estratégias de construção da referência no gênero de popularização da ciência. In.: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 169-195.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 71, 100, 192, 193, 195

Argumentatividade 29, 31, 34, 36

Arquitetura indígena 173

Autismo 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

C

Casamento 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Categorias 24, 25, 36, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 71, 109, 125, 158, 165, 168, 180, 209, 211, 217

Cena enunciativa 41, 45

Cinema 17, 63, 84, 135, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 219, 226, 229

Comunidade 154, 163

Congada 179, 180, 181, 185, 186, 187, 188, 189

Contos de fadas 105

Criação sociológica 118

Cultura 4, 16, 28, 55, 63, 65, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 93, 104, 109, 121, 122, 133, 146, 147, 154, 160, 163, 167, 173, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 200, 201, 223, 230, 232, 233, 235, 236

Cultura negra 69

D

Descolonização 69, 73, 75, 76, 78

Dialeto 132, 133, 134, 135, 136, 137, 141, 143, 147, 148

Discurso 12, 15, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 74, 75, 126, 140, 142, 146, 156, 158, 165, 168, 170, 171, 172, 186, 193, 214, 216, 229

Divulgação científica 11, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40

E

Eduardo Coutinho 154, 155, 158, 163, 164

Educação Básica 89, 90, 91, 92, 95, 103, 173

Enunciação 20, 32, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 60, 62

Enunciados 36, 38, 41, 44, 46, 48

Estrutura de madeira 173

Etnoarquitetura 173, 174, 178

Existencialismo 89, 91, 92, 93, 94, 98, 102, 104

F

Fantasia 5, 90, 91, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116

H

Homofobia 143, 165, 171, 172

I

Identidade negra 69, 78

Influenciadoras Digitais 12, 14, 15, 21, 25, 26, 27, 28

Instagram 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 65

J

Jornalismo 20, 31, 165, 166, 167, 171, 172, 222

L

Lexicologia 51

Língua Inglesa 1, 3, 7, 8, 10, 27, 81, 106, 137

Literatura 59, 60, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 114, 115, 117, 118, 122, 130, 163, 180, 182, 204, 229

Literatura Brasileira 71, 89, 90, 91, 101, 102, 103, 104

M

Madeira 173, 174, 176

Manifestação Popular 179, 188

Maquiagem 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 149, 158

Memória 3, 77, 98, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 131, 154, 156, 157, 159, 162, 163, 179, 184, 189, 229

N

Narrativa 15, 20, 25, 47, 48, 58, 63, 66, 67, 76, 77, 95, 96, 97, 100, 102, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 186, 187, 191, 196, 198, 200

Neologismo 51, 53, 58, 60, 61, 62, 63

Notícia 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

O

Objetividade 29, 31, 33, 34, 35, 36, 39

P

Pajubá 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150

Poética 77, 95, 118, 119, 120, 121, 129, 131, 198, 219, 228

Protagonismo feminino 105, 106, 108, 111, 115

Q

Queer 132, 133, 137, 138, 139, 140, 146, 147, 148, 149, 165, 166, 167, 168, 170, 171

R

Religiosidade 179, 180, 181, 184, 185, 186, 189

Romance 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 61, 65, 67, 68, 91, 92, 93, 95, 97, 100, 102, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 129, 130

S

Semântica 4, 50, 51, 53, 66, 67, 68

Semiótica 15, 20, 25, 28, 49, 50, 51, 54, 59, 67, 68, 192

Sociolinguística 132, 133, 136, 147, 148

Subjetividade 29, 31, 33, 34, 36, 39, 40, 51, 65, 92, 93, 97, 139, 197

V

Vernacular 173

 **Atena**
Editora

2 0 2 0